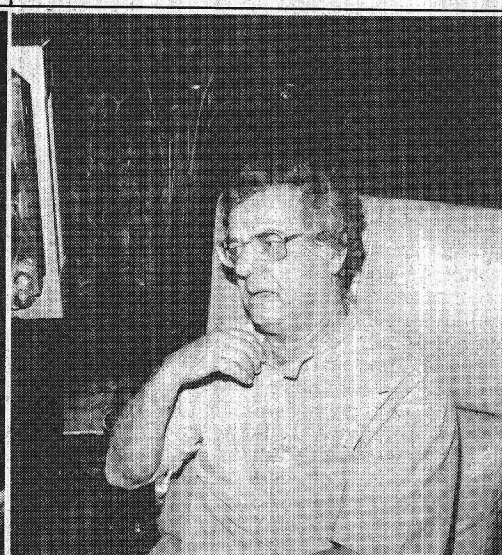


Fotos: Fernando Pimentel



O escultor Nicolas Vlavianos, autor da máscara mortuária de Tancredo Neves, é grego. Por acaso, da terra em que nasceu a democracia.

# Na máscara do morto, um rosto sereno.

O presidente parecia apenas dormir quando o artista grego Nicolas Vlavianos tirou o molde para sua escultura

A mão do presidente Tancredo Neves era pequena. A esquerda, por exemplo, media apenas 19 centímetros, do pulso até a extremidade do dedo médio. O dedo indicador da mão direita tinha só nove centímetros de comprimento. E os lábios finos — uma de suas marcas mais fortes num rosto expressivo — mediam oito centímetros de um canto a outro da boca.

Colocadas sobre a mesa da sala de jantar do escultor grego Nicolas Vlavianos, a cabeça quase completa e as duas mãos do presidente Tancredo Neves impressionam pelas dimensões e, também, pela serenidade. Como impressionam, e muito, os detalhes absolutamente nítidos e perfeitos de sua pele, rugas e dobraduras dela, e até o fio da sobrancelha esquerda que ficou preso no gesso, logo depois que Vlavianos e mais quatro homens fizeram, a pedido do secretário da Cultura de São Paulo, Jorge da Cunha Lima, a máscara mortuária do presidente.

Nicolas Vlavianos, 56 anos de idade, grego que não vê necessidade de naturalizar-se, casado com a artista plástica argentina Teresa Nazar, vive no Brasil há 24 anos. No domingo em que o presidente Tancredo Neves morreu, ele passou a tarde toda com seu irmão Alexandre, grego também, 53 anos de idade, em sua casa na Granja Vianna, onde construiu seu estúdio de escultura. Perto da meia-noite do domingo, quando tinha terminado de tomar banho para dormir, um telefonema da crítica de arte Radhá Abramo acabava de convocá-lo para fazer a máscara mortuária do presidente.

Mesmo não tendo gesso em casa (Vlavianos só trabalha com aço inoxidável), ele prontamente aceitou o convite e foi para o Instituto do Coração. Quando lá chegou, um médico também havia sido convocado para o mesmo trabalho. Vlavianos, que, como professor de Expressão Tridimensional da

Faap desde 1969, já fez centenas dessas máscaras como exercícios com seus alunos (só que sempre com pessoas vivas), nunca imaginou que faria o rosto do presidente, três horas depois de sua morte.

— Quando ia da Granja Vianna para o Instituto do Coração, senti angústia, medo, aflição. Depois, durante a hora que durou a moldagem do rosto do presidente, era tanta a atenção que trabalhei abstratamente, desprovido de qualquer sentimento.

O corpo do presidente estava numa sala do subsolo do Instituto do Coração, “parecida com uma grande cozinha industrial” e sobre ele, que ainda não tinha sido embalsamado, havia um lençol branco. Visíveis fora desse lençol, apenas o rosto e as mãos.

Vlavianos trabalhou ajudado por dois médicos (Carlos Alberto Miroi e Gino Emilio Lazco) e pelo pintor Antônio Carelli e seu assistente, Miguel Barba. Antes de tudo, foi colocada, sobre o rosto do presidente, uma camada de vaselina líquida (para o gesso não aderir à pele) e depois, com a massa gelatinosa usada pelos dentistas para se tirar um molde dos dentes, foi feita uma moldagem, misturada ao gesso em pó e água. Assistindo ao trabalho dos cinco homens, apenas alguns médicos, nenhum porém da equipe que operou o presidente. Também não houve, nesse momento, nenhum parente de Tancredo Neves e nem mesmo dona Risoleta viu a moldagem da máscara mortuária, que foi levada para a casa de Vlavianos, pelo próprio escultor, às seis horas da manhã.

— Na sala onde fizemos a máscara mortuária era muito forte o cheiro de formol — lembra Vlavianos.

Grego nascido em Atenas, na mesma terra de escultores famosos da antiguidade clássica, Nicolas Vlavianos é um dos mais respeitados escultores contemporâneos do Brasil. Não abstrato e também não figurati-

vo, na medida em que não esculpe a figura humana. Vlavianos trabalha, atualmente, a convite do governo de seu país. Faz uma escultura que irá para a Grécia e completa seu currículo, a pedido da atriz Melina Mercouri, atual ministra da Cultura, que faz um levantamento dos escultores de origem grega espalhados pelo mundo.

Em 1956, Vlavianos viveu em Paris e estudou escultura com Zadkine. Em 1961, representou a Grécia na VI Bienal de São Paulo e de lá para cá participou de dezenas de mostras individuais no Brasil e Exterior. Tem vários prêmios. Sua obra, há alguns anos, é feita de aço inoxidável. As galerias *Múltipla e Skultura* (ambas em São Paulo) têm suas esculturas no acervo permanente. No momento, ele se preocupa, quanto à forma que dá às suas obras, com as plantas brasileiras.

Sobre seu trabalho, feito gratuitamente, com o rosto do presidente, esta declaração: “Devo fazer, a pedido do governo paulista, reproduções em bronze, do rosto e mãos do presidente. Não vou ficar com uma cópia, pois esse trabalho pertence ao povo brasileiro e à família do presidente. Não fiz um trabalho criativo, mas essencialmente técnico: nada tirei e nada acrescentei ao que havia. Esperava, entretanto, encontrar um rosto marcado pelo sofrimento de sete operações e trinta e nove dias de dor, mas estive diante de um rosto sereno, de quem parecia dormir. Uma serenidade que me comoveu e impressionou”.

Curioso o destino desse escultor que, não sendo figurativo, mas semi-abstrato, acabou por esculpir o rosto do presidente Tancredo Neves no melhor estilo e técnica acadêmicos. Vlavianos nasceu em Atenas. E foi lá, também, que nasceu a Democracia que o presidente Tancredo de Almeida Neves tanto buscava.

**Olney Krüse**